

A potência da narração na educação geográfica: uma reflexão epistemológica

Marcia Alves Soares da Silva
Ricardo Devides Oliveira
Francisco de Assis Gonçalves Junior

Resumo

A busca por uma educação geográfica que ofereça plurais e diversificados aprendizados transita por uma conexão mais profunda e sensível do sujeito com o mundo e, neste sentido, a narração adquire uma potência reveladora dessas possibilidades na medida em que permite (re)mobilizar o lado artístico da Geografia. Partindo do pressuposto que o diálogo entre Ciência e a Arte esteve, por muito tempo, adormecido no interior das reflexões epistemológicas da Geografia - fato relacionado ao domínio da hiperespecialização científica, organizado pelo método pragmático-positivista - os modos de fazer e pensar Geografia também foram, em alguns momentos, reduzidos e limitados, por exemplo, às operações estritamente descritivas; e, ainda hoje, a despeito dos avanços nas áreas correlatas, sofre com o reducionismo das possibilidades de leituras de mundo. Assim, o presente artigo, de cunho teórico e conceitual, reforçado pela pesquisa exploratória e revisão bibliográfica sobre o tema, objetiva refletir a relação entre a narração e a Geografia, buscando ir além do seu uso como recurso metodológico, mas evidenciando a dimensão do sensível e o treinamento do olhar. Nesse diálogo entre ideias e pensadores, intentamos preencher uma lacuna e apontar para caminhos geográficos que contribuam para a ampliação do debate epistemológico que permeia a educação geográfica.

Palavras-chave: Educação geográfica. Narração. Epistemologia.

Marcia Alves Soares da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso

E-mail: marciaalvesgeo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0454-2224>

Ricardo Devides Oliveira

Universidade de São Paulo, USP

E-mail: rdevides@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9678-6754>

Francisco de Assis Gonçalves Junior

Universidade Federal de Mato Grosso

E-mail: fgjufmt@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5840-4548>

Recebido em: 02/10/2021

Aprovado em: 13/09/2022



Abstract**The power of narrative in the Education of Geography: an epistemological reflection**

The search for a geographic education that offers plural and diversified learning leads to a deeper and more sensitive connection of the subject with the world, and, in this way, narratives reveal these possibilities as it allows mobilizing art-geography relations. Assuming that the dialogue between Science and Art has been left out of the epistemological debates of Geography – a fact related to the domain of scientific hyper-specialization caused by the pragmatic-positivist method – the ways of doing and thinking Geography were often reduced and limited, for example, to strictly descriptive operations. Even today, whilst there had been progressing in some areas, Geography may have narrow possibilities of reading the world. This theory and conceptual article, reinforced by exploratory research and a bibliographical review on the subject, aims to reflect the relationship between narration and geography, seeking to go beyond its use as a methodological resource but highlighting the dimension of sensitivity and eye-training. In this dialogue between ideas and thinkers, we intend to fill a gap and point to geographic approaches which help in expanding the epistemological framework permeating geographic education.

Keywords:

Geographical education, narration, epistemology.

Resumen**La potencia de la narración en la educación geográfica: una reflexión epistemológica**

La búsqueda de una educación geográfica que ofrezca un aprendizaje plural y diversificado conlleva a una conexión más profunda y sensible del sujeto con el mundo y, en este sentido, la narración adquiere una potencia reveladora de posibilidades, dado que permite (re)movilizar el lado artístico de la Geografía. Partimos de la idea de que el diálogo entre Ciencia y Arte se mantuvo, durante mucho tiempo, encubierto dentro de las reflexiones epistemológicas de la Geografía - hecho relacionado con el dominio de la hiperespecialización científica derivada del método pragmático-positivista - las formas de hacer y pensar la Geografía también estaban, a veces, reducidas y limitadas, por ejemplo, a operaciones estrictamente descriptivas; e incluso hoy, a pesar de los avances en áreas afines, adolece de la reducción de las posibilidades de leer el mundo. Así, en este artículo teórico y conceptual, reforzado por una investigación exploratoria y revisión bibliográfica sobre el tema, se pretende reflejar la relación entre narración y geografía, buscando ir más allá de su uso como recurso metodológico, destacando, también, la dimensión de lo sensitivo y el entrenamiento ocular. En este diálogo entre ideas y pensadores, pretendemos llenar un vacío y señalar caminos geográficos que contribuyan a la expansión del debate epistemológico que permea la educación geográfica.

Palabras clave:

Educación geográfica, narración, epistemología.

Introdução

A narração coloca-se hoje como um importante pilar metodológico do ensino e da educação geográficas, na medida em que vem permitindo dar novos sentidos aos saberes-fazeres da Geografia, privilegiando o protagonismo do sujeito e a formação cidadã, em que memórias e trajetórias de vida tornam-se essenciais frente a uma ciência que ainda insiste em separar o sujeito do seu entorno.

Considerada a arte do tempo, a narrativa é um tema que extrapola as definições mais restritivas – como gênero textual, que busca relatar fatos ou uma sequência de acontecimentos – e indica, principalmente, um debate teórico e metodológico que, no que diz respeito à Geografia, é recente e marcado por interpretações plurais, se observados os diferentes lugares de fala e contextos. Enquanto autores estrangeiros e em língua inglesa discutem a narração na Geografia por meio das teorias narrativas (PARKER, 2018), priorizando a díade espaço-tempo (BRASHER, 2017; PARKER, 2018; RODRIGUEZ, 2018), a Geografia brasileira e em língua portuguesa, sobretudo, no campo do ensino, vem ofertando diversas investigações que utilizam a narrativa como opção metodológica para qualificar os processos formativos, central nos trabalhos de MARTINS & TONINI (2016), VALLE (2017), REGO & KOZEL (2020) e AGUIAR et al (2020).

Operadas por inúmeras geografias, com fins teóricos e formativos, essa diversidade de abordagens demanda uma tessitura mais bem sistematizada e que sedimente a narração como uma “questão” geográfica, sendo necessária, portanto, a reflexão epistemológica. O presente artigo, contudo, não pretende apresentar um estado da arte sobre o tema, mas reunir possibilidades em torno da narração, evidenciando o que há de geográfico nessa perspectiva, que, para nós, rebata em aspectos como a dimensão do sensível e o treinamento do olhar (conceito proposto por Ratzel).

Consciente das limitações deste intento, o nosso objetivo é preencher uma lacuna que sirva de base para as pesquisas sobre a narração geográfica, possibilitadas, como mostraremos adiante, por traduções recentes de textos clássicos da Geografia, dialogando com investigações realizadas em outros espaços institucionais de produção de conhecimento geográfico.

Assim, a primeira parte do artigo objetiva demonstrar que há uma dimensão epistemológica da educação geográfica que precisa ser colocada em evidência, na medida em que a difere do ensino de Geografia, justamente porque reflete sobre os modos de pensar e fazer Geografia. Na sequência, mergulhamos nos principais contextos histórico-científicos do pensamento geográfico, demonstrando que a discussão sobre a narração sempre esteve em pauta, porém, secundarizada em prol de um processo de institucionalização positivista-pragmático, invisibilizando – para além do debate sobre o método – uma crise de percepção. Neste sentido, optamos por dar um destaque maior, mas não somente, a alguns apontamentos presentes na tradução recente da obra *Über Naturschilderung* (Sobre a Narração da Natureza, 1906), do geógrafo alemão Ratzel (1844-1904), que, além de ser um texto raro sobre o tema, aponta para

preocupações tais quais a condição do ensino de Geografia da época e a necessidade de mobilizar o lado artístico da Geografia, legando à narração uma espécie de ‘treinamento’ do olhar. Para finalizar, a terceira parte compõe uma síntese reflexiva sobre o que, afinal, é geográfico na narração e, através desse diálogo, quais os desafios e caminhos para pensar uma educação geográfica ampla de significados.

Há de se destacar que o termo "treinamento" não se refere a uma limitação vinculada à repetição constante, é justamente o inverso, o treinamento para o olhar geográfico com base em nossas considerações visa apresentar ao sujeito/aluno uma opção de complementariedade ao que está posto em termos de ensino regular, uma inserção para o seu desenvolvimento sensível, sua formação cidadã, a ênfase, portanto, está no protagonismo e na liberdade do sujeito/aluno na compreensão das relações sobre seu próprio eu no mundo, mas também sobre o nós e o outros no mundo. O que baliza essa concepção é o fato de que o sujeito/aluno através de sua imaginação e de suas emoções experienciadas no cotidiano é geográfico o tempo todo.

A dimensão epistemológica da educação geográfica: que debate é esse?

A Geografia, assim como as outras ciências humanas, historicamente, gerou cisões e dicotomias inerentes ao seu próprio campo de conhecimento, fruto de contradições e viradas científicas e contextuais que demarcam a riqueza e a pluralidade do pensamento geográfico ao longo do tempo. Tais questões também apontam para a necessidade de discutir novas *demárques* que, se não contribuem diretamente para a superação dessas cisões, são de cunho teórico e metodológico, permitem reposicionar a importância de determinados aspectos da Geografia frente ao desafio de melhor interpretar o mundo.

Isso revela-se, *an passant*, nas áreas de Geografia Humana e Geografia Física, ainda trabalhadas como dicotômicas nas pesquisas acadêmicas e nas práticas docentes em salas de aula (BEZERRA, MELO, 2018). E na esteira desta e outras fragmentações, vemos surgir um profícuo e pertinente diálogo sobre o ensino de Geografia e a educação geográfica, constituindo um debate que evidencia e destaca a dimensão epistemológica dos saberes-fazer geográficos, ou seja, a reflexão, que se faz articulada em diferentes contextos históricos e espaços-tempos, sobre os diversos modos de pensar e fazer Geografia (GOMES, 2017).

Ainda que indissociáveis e imbricadas, a reflexão em torno da educação geográfica vai além de uma discussão mais instrumental e curricular que caracteriza em parte o ensino, com seus conteúdos, temas e pesquisas específicas direcionados à formação do aluno (COSTELLA, REGO, 2019; CASTELLAR, VILHENA, 2010). Para além disso, a educação geográfica flexiona e renova o ensino de Geografia, mas se preocupando, antes, com as “necessidades” da Geografia Escolar, como, por exemplo, a demanda por uma formação crítica e cidadã (CALLAI, 2018), inserida em um combate mais amplo contra os reducionismos impostos pelo pragmatismo de base positivista, pautando-se, por vezes, em uma aprendizagem unidirecional, descolada do cotidiano e do contexto nos quais esses sujeitos estão inseridos; interessada

mais com a transmissão e memorização dos conteúdos do que com o estímulo a uma aprendizagem atravessada por uma pluralidade de sujeitos e situações de aprendizagem.

Nesses estranhamentos entre ensino e educação (COSTELLA, REGO, 2019), percebemos a educação geográfica como potência para fazer aflorar e tornar-se hegemônica uma noção de educar-se por meio de uma Geografia que emancipe o sujeito, na medida em que permita romper com o caráter alienante do conhecimento, como se este fosse portador de sentido por si mesmo (GONZÁLES, 2010; COSTELLA, REGO, 2019). Nesse processo de emancipação, operam, no ensino e na educação geográficas, reflexões não somente de cunho metodológico – como no repensar de práticas educativas, situações de aprendizagem ou modelos pedagógicos – mas, sobretudo, epistemológico, de crítica ao conhecimento; pressuposto que é central para a formação de professores pesquisadores e reflexivos (MENEZES, KAERCHER, 2017).

É sob esse prisma, isto é, da reflexão epistemológica inerente ao ensino e à educação geográficos, que observamos, nas últimas décadas, o desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos teórico-metodológicos e práticos, buscando fortalecer abordagens, perspectivas, metodologias direcionadas a um saber-fazer geográfico, em que a aprendizagem acontece por meio da vida cotidiana, coletiva e contextualizada (REGO et al, 2007). De forma mais específica, a Geografia brasileira vem buscando incorporar a noção de narração e seu modo narrativo junto ao ensino e educação geográficos, tomando-os como um modo de investigar a experiência, ao permitir mobilizar fatos, histórias e itinerários pessoais. Entretanto, qualquer tentativa de definição da narração é limitada por conta da sua pluralidade de interpretações e das inúmeras correlações entre padrões do discurso e os diferentes modos e gêneros internos à própria noção (BROCKMEIER, HARRÉ, 2003; OLIVEIRA, SEEMANN, 2021). De todo modo, a sua centralidade, no bojo da virada interpretativa das ciências humanas, indica que a narração trata, na verdade, da construção de sentidos para as experiências da existência, sendo um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para explicar a natureza e as condições da nossa existência (BAUMAN, 1986; RICOUER, 1981; BROCKMEIER, HARRÉ, 2003; CLAVAL, 2014). No que se refere à interpretação geográfica, a noção de narrativa promove um flexionamento do seu *modus operandis*, quando:

inclui a tentativa de ultrapassagem de contextos por meio da história reconfigurada, isto é, interpretada de outro modo pela narrativa, numa correlação que se faz como busca de instituição de sentidos para a existência processada entre o pessoal e o social. O tempo e o mundo tornam-se dimensões acolhedoras do humano na medida em que são articuladas no modo narrativo, e a narrativa adquire um significado pleno, isto é, satisfaz provisoriamente um anseio essencial, quando refaz o ambiente da existência temporal (AZEVEDO, REGO, KOZEL, 2020, 24)

Atualmente, observamos, na Geografia, o uso da narrativa em temáticas que orbitam em torno dos campos das Geografias Histórica e Humanística, bem como nas conexões entre Geografia e Literatura (PARKER, 2018), até trabalhos que dialogam mais diretamente com o ensino e a educação geográficas, tais como a cartografia narrativa (SEEMANN, 2014; VALLE, 2017) e, como recurso metodológico, a

pesquisa narrativa (OLIVEIRA; PEZZATO, 2010). Nestes, a narrativa é trabalhada a partir de tratamentos que envolvem a oralidade, o protagonismo do sujeito no trabalho com a imagem e o mapa; e ainda investigações por meio de relatos autobiográficos como itinerários de pesquisa docente, em que questões como memória e experiência cotidiana são destacadas. Para citar alguns exemplos, temos a compreensão da produção e significação da cartografia centrada no sujeito, em que a narrativa incrementa outros mapas e mapeamentos (VALLE, 2017) e, dentre estas, a interface entre Literatura e Cartografia, operadas como práticas socioculturais (SEEMANN, 2014).

A apropriação da narrativa como recurso metodológico de pesquisa e escrita reflete sua evidente pertinência frente aos reducionismos que afligem a Geografia de ontem e de hoje. Entretanto, para além desse rico diálogo metodológico, partimos do pressuposto de que a narração deve ser pensada não somente em sua dimensão discursiva e textual, assim como em sua apropriação apenas metodológica, porque mesmo perante as intrínsecas conexões entre Geografia, Linguagem e História sobre os modos de grafar o mundo (relatar, descrever, explicar), existe “algo” na narração que parece ser essencialmente geográfico, pois envolve a sensibilidade do sujeito e a formação do seu olhar diante da tarefa de interpretar e representar seu entorno sob diferentes atributos, habilidades, escalas e recortes temáticos.

Diante do caráter residual e pontual da reflexão epistemológica da Geografia sobre a narração, há uma lacuna a ser preenchida. E se, por um lado, a narração vem se tornando uma das perspectivas metodológicas da Geografia do nosso tempo, por outro, não temos disponível conhecimento sistematizado da sua trajetória no interior do pensamento geográfico. Portanto, é preciso investigar se seus usos atuais são realizados como um contraponto à forma descritiva de grafar o mundo, por exemplo, ou se advêm mais precisamente de um diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como a História, Educação e os estudos da Linguagem.

De todo modo, a maior circulação do conhecimento geográfico e a ampliação dos diálogos na fronteira entre campos científicos, permitida por traduções recentes de pensadores clássicos da Geografia, como em Ratzel (2010: 2021); as incursões epistemológicas de Gomes (2017) e Claval (2014), bem como os diálogos em torno do caráter descritivo da Geografia em Katuta (2013) e Darby (2020), fornecem condições científicas suficientes para promover um diálogo e tecer alguns apontamentos sobre as potencialidades da narração na educação geográfica.

Assim, explicitada a dimensão epistemológica da educação geográfica e os caminhos a serem percorridos, a efetiva discussão em torno da narração, em nossa perspectiva, demanda a exploração dessa noção a partir do que entendemos como a dimensão do sensível na Geografia, indicando uma trajetória analítica por uma formação mais ampla dos significados e potencialidades da narrativa. Nesse desafio, o de produzir uma discussão inédita, porém ainda passível de maior aprofundamento e ampliação, faz-se necessário mobilizar e rediscutir as contribuições de pensadores situados em diferentes momentos históricos do pensamento geográfico.

A narração na esteira do pensamento e dos saberes-fazer geográficos

É fato que existem muitas definições acerca da Geografia como campo acadêmico, bem como uma variedade de opiniões em relação aos seus temas, métodos e abordagens (MOREIRA, 2010; GREGORY et al, 2009; CLAVAL, 2014; DARBY, 2020). Entretanto, ainda é muito comum referir-se à Geografia como a ciência que descreve a Terra, enquanto a sua ciência-irmã, História, caberia a arte de narrar os fatos e acontecimentos. A questão diz respeito à percepção da realidade, que Kant buscou resolver através da Filosofia, considerando que ambas nascem de um mesmo processo, o da localização dos fenômenos, porém com a Geografia localizando-os no espaço e a História, no tempo (MOREIRA, 2010; PARKER, 2018); sendo definida como uma propedêutica do conhecimento do mundo, assim, responsável por descrever a superfície da terra em sua totalidade (RIBAS, VITTE, 2009).

Muito antes do período de sistematização do conhecimento geográfico de matriz eurocêntrica, a noção de descrição já se encontrava do bojo da ideia de Geografia na antiguidade clássica, aferindo sua própria definição de *geo*(terra) e *grafia*(escrita), portanto, uma ciência que descreve a terra, parecendo-nos, até hoje, um processo lógico e perceptível da ciência geográfica (DARBY, 2020). Dos primeiros mapas às descrições de povos e lugares, pensadores como Erastóstenes, Heródoto, Estrabão e Ptolomeu forneceram algum nível de especificidade descritiva à Geografia da época, embora muitas dessas sínteses estivessem baseadas em narrativas de viajantes e mercadores.

Como questão, é possível afirmar que a preocupação com uma abordagem descritiva ou narrativa do espaço, entendido, até então, como paisagem, surgiu de forma mais significativa no contexto da cartografia da Idade Média e o desenvolvimento da pintura holandesa e italiana, em que as concepções linguagem e representação entrelaçam-se (KATUTA, 2013). Na cartografia da época, os mapas TO¹ medievais apresentavam um fundamento narrativo, em oposição ao mapa moderno, eminentemente descritivo (KIMBLE, 2000; KATUTA, 2013; GOMES, 2017). Por outro prisma, também é possível traçar um paralelo entre a cartografia e a pintura holandesa e italiana, sendo as obras de holandeses como Vermeer e Rembrandt mais descritivas e tendendo à monossemia, com certo impulso cartográfico, e a italiana mais narrativa, tendendo à polissemia, desafiando, de certa forma, os textos como maneira fundamental de compreender o mundo (ALPERS, 1999; KATUTA, 2013; GOMES, 2017).

O diálogo entre pintura e cartografia indica um debate epistemológico entre descrição e narração que vai acompanhar parte do processo de sistematização e institucionalização da ciência geográfica, entre os séculos XVIII e XX, tanto na França quanto na Alemanha. Encontramos um primeiro ponto de convergência entre os naturalistas alemães, centrado na figura de Alexander von Humboldt (1769-1859) que, influenciado pelo Romantismo, grafou a natureza como um todo harmônico, construindo uma

¹ Mapas TO ou mapas de roda, produzidos na Idade Média, onde a letra “O” representa simbolicamente um círculo ou anel, no qual se insere o “T”, que resulta em uma esquematização em três continentes: Europa, Ásia e África (KATUTA, 2013).

detalhada e holística descrição dela. Seus trabalhos tinham, como característica principal, um complexo híbrido de diversos discursos científicos, como registros de dados empíricos, escritas de diário e formas tradicionais de narrativa de viagem (CLAVAL, 2014; LUBRICH et al, 2010). Em um momento em que nem mesmo a própria ideia de ciência geográfica estava clara (MOREIRA, 2010), o uso de outras linguagens, como a narrativa e a pintura, articuladas à experiência romântica, mostraram-se adequadas no intuito de dar uma “ideia do todo” e uma “aparência” às suas observações: um esforço de ilustração que constitui uma etapa importante da *demárque* geográfica (CLAVAL, 2014).

Segundo o autor, os problemas da comunicação geográfica eram múltiplos, sendo uma questão que envolvia “a narração e a natureza daquilo que o geógrafo quer traduzir” (CLAVAL, 2014: 86). Seja pelo fascínio de uma viagem em que o inesperado tem mais espaço, ou pelo encadeamento dos acontecimentos que fazem crescer uma certa tensão dramática da narrativa, o geógrafo encontrava, nessa grafia, uma solução que concerne à totalidade do espaço. Assim sendo, transformava a Geografia em uma história para narrar “a epopeia da descoberta da terra para uns, e a da conquista da natureza para outros” (CLAVAL, 2014, p. 87).

Se, na Alemanha, a noção holística e integrada dos naturalistas românticos ficou adormecida durante décadas em prol de um processo de institucionalização da Geografia de base pragmática e fortemente especializada, na França, porém, o conceito de região vai tonificar uma ideia de quadro que, com Paul Vidal de La Blache, tomou o sentido de quadros regionais, perspectiva, inclusive, aplicada no ensino de Geografia da época, almejando não dissociar o que a natureza reunia (OZOUF-MARIGNIER & ROBIC, 2007). No entanto, Claval atenta que, mesmo na obra “Quadro de Geografia da França” (1903), Vidal adotava “frequentemente o tom de narrativa de viagem, como se sua descrição se apoiasse na narração de fragmentos de itinerários para dar uma maior clareza ao conjunto” (CLAVAL, 2014, p. 97).

Entre discursos e políticas científicas que marcam a institucionalização da Geografia nos dois países, que acabaram por selecionar publicações e temas considerados estratégicos aos objetivos do Estado-Nação, em pleno contexto de expansão territorial, o debate em torno das relações entre arte e ciência e narração e descrição ficaram em segundo plano. A dimensão do sensível, tratando aqui dos vínculos estéticos e emotivos que pautam uma real experiência geográfica do ser humano com o seu entorno, deram lugar a uma ciência e educação geográficas que reduziram a diversidade dos saberes-fazer geográficos a um padrão descritivo, pragmático e aplicado.

É na esteira dessas questões – arte e ciência, narração e descrição – que surgem traduções para a língua portuguesa de trabalhos menos conhecidos de geógrafos clássicos, com destaque a Friedrich Ratzel², em que situamos e damos atenção especial à obra “Sobre a Narração da Natureza” (*Über Naturschilderung*, Ratzel, 1906). A imersão no diálogo com essa obra deve-se ao fato de que ela apresenta uma potência para

² Sobre as traduções de Ratzel para a língua portuguesa, ver OLIVEIRA, R.D & SEEMANN, Jörn. A geografia mora nos detalhes e no todo. *GEOgraphia*, 53, 2021.

preencher uma lacuna metodológica que, como ressaltado anteriormente, já se fazia presente da ciência geográfica na passagem do século XIX ao século XX, fato que possibilita um terreno fértil para os debates em torno da educação geográfica de hoje, nas discussões sobre o sensível, o olhar dos sujeitos os vínculos e as emoções.

Embora a ideia central de Ratzel no *Über* seja a de um “treinamento estético” para a interpretação da natureza (MÜLLER, 1998-1999; OLIVEIRA, SEEMANN, 2021), o geógrafo alemão deixa evidente uma preocupação e um diálogo necessário com o ensino de Geografia e os guias didáticos da época, dedicando a obra aos “amigos da natureza, especialmente aqueles que, como professores de geografia (...) buscam despertar em seus alunos os sentidos da grandeza e beleza do mundo” (RATZEL, 2010, p. 157). Ratzel é claro ao afirmar e atender ao apelo para uma educação geográfica que “precisa alcançar a natureza através da arte, deve-se enxergar através do aprender, necessita-se sentir a emoção através da recriação, da vivência própria” (RATZEL, 2010, p. 157) e, por meio desse intento, um viver corporal e sentimental poderia ser traçado (CARVALHO, 2010; OLIVEIRA, SEEMANN, 2021).

O resgate da dimensão do sensível na Geografia parece encontrar, na narração, espaço para desenvolver-se como perspectiva metodológica centrada na formação do olhar, entrelaçada pelo desenvolvimento de competências inerentes à educação geográfica, desde aspectos como aparência, totalidade e impressão visual até vínculos mais afetivos, como os sentimentos e as emoções. É interessante notar que, para Ratzel, descrição e narração são processos indissociáveis, em que a descrição pode tomar a forma de narração, na medida em que demanda uma aparência do todo harmônico e um vínculo sentimental. Portanto, a narração geográfica não deve ser uma tarefa completamente científica, mas, em boa parte, uma tarefa artística (OLIVEIRA & SEEMANN, 2021). O exemplo do geógrafo alemão sobre a montanha é magnífico e tonifica a sua crítica e a defesa da narração:

O que temos depois de ter descrito uma montanha em todos os seus detalhes? Conhecemos a orogênese, a formação de vales, a meteorização, a geleira (...) conhecemos então a montanha? Claro que não! (...) Temos uma estrutura de linhas e cem detalhes; mas não temos a coisa como está no mundo (RATZEL, 1906, p. 19, tradução nossa).

Não obstante, é preciso salientar que há, na educação geográfica, uma demanda por representar fenômenos que se estendam por espaços amplos. Nos trabalhos de campo, em inúmeras disciplinas, é essencial a observação de pequenos fenômenos e minuciosos detalhes, no entanto, paradas em mirantes e pontos panorâmicos são indispensáveis, justamente porque é preciso dar a aparência do todo, em que a imagem da paisagem pode saltar aos olhos. Nesse processo, deve ocorrer o desenvolvimento do sentimento pela natureza (*Naturgefühl*) e da arte da narração que reside em cada um de nós (RATZEL, 1906). E se a aparência do todo mostra-se inerente ao movimento narrativo, Ratzel vai além, ao traçar uma reflexão sobre a relação da narração com o mapa e a imagem, e, na esteira do desenvolvimento técnico de sua época, também a fotografia.

Assim sendo, temos uma proposição de narração geográfica, em que mapa e imagem adquirem singular importância, adiantando uma perspectiva de educação geográfica, em que seu lado artístico é mobilizado, como vemos hoje em parte significativa das produções no âmbito do conhecimento geográfico, em diálogos com o cinema e a Literatura, por exemplo.

Dentre os tópicos pertinentes para a nossa discussão, as críticas de Ratzel eram direcionadas para as imagens feitas para as escolas, que eram impregnadas por uma forte intenção de descrição, descaracterizadas, pouco claras, decorativas, artificiais: são as denominadas imagens ideais (RATZEL, 1906). Tais imagens são marcadas por um padrão estético, em que elementos como belo e perfeito contribuem para a criação de imagens de paisagens que inexistem, sendo assim, ausentes de real significado e alienante numa perspectiva pedagógico-formativa.

Ratzel indica um outro modo de leitura, que é a revelação do sentimento e o resumo da impressão pessoal que a paisagem provoca no sujeito-observador, tornando-se um estado da alma, influenciando em uma imaginação poética de caráter fenomenológico (OLIVEIRA, SEEMANN, 2021). Para tanto, é preciso vivenciar o entorno e experimentar a pulsação de sentimentos e emoções que ocorrem ao sentir os espaços e lugares, ideia que o aproxima das predileções humanistas encontradas, posteriormente, em Dardel (1952) e Yi-Fu Tuan (1974 e 1977)³. As Geografias de base fenomenológica somam-se a essa perspectiva ampliada da narração, em que o sujeito é protagonista não só porque observa, descreve e/ou narra; mas, sobretudo, porque se conecta ao mundo pela dimensão do sensível. Tuan (1991), por exemplo, explorou a relação entre as diferentes linguagens e a construção do lugar, sublinhando a abordagem narrativo-descritiva, por ser mais inclusiva e fiel à complexidade da experiência real, ainda que analiticamente menos penetrante (TUAN, 1991).

Esse mergulho em alguns clássicos, que ainda demandam novas análises, mostra que a Geografia vivia uma crise de percepção, de olhar e, neste sentido, a busca pela inserção da arte no ensino de Geografia estava em valorizar a dimensão do sensível como uma oportunidade para o educando (e educadores) experienciar as geograficidades e espacialidades sob outros aspectos qualitativos (RAMOS, 2019; ROQUÉ, 2020; OLIVEIRA, SEEMANN, 2021). Nesse desafio de ordem epistemológica, a narração geográfica, tal qual expomos até aqui, almeja descolar-se um pouco do modo narrativo compreendido como “contação de histórias” e “relatos de memórias”, ressaltando o que há de geográfico nessa perspectiva e como esta pode potencializar uma educação geográfica mais ampla de significados.

³ Nos estudos de Eric Dardel, a noção de geograficidade presente na obra “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica” (1952:2011), e em Yi-Fu Tuan, nas suas duas obras seminais, “Espaço e Lugar” (1974) e “Topofilia” (1977).

Por novas tessituras em torno da narração para a educação geográfica: reflexões para o resgate do sensível no processo formativo

A centralidade da narração e o aumento do seu interesse por diferentes áreas do conhecimento indica a emergência de um paradigma pós-positivista que busca, dentre outros aspectos, o refinamento das metodologias interpretativas das ciências humanas (BROCKMEIER, HARRÉ, 2003). No que diz respeito à Geografia, torna-se relevante o protagonismo do sujeito, nas suas distintas formas de conhecer o mundo, sendo a narrativa, em si, um conhecimento geográfico. A espontaneidade, a imaginação, a criatividade e a emoção são elementos que consideramos basilares para pensar a potência da narrativa para a construção de conhecimentos geográficos ampliados.

Neste sentido, o protagonismo do sujeito que dá vazão a sua narrativa consolida a essência do espírito humano, capaz de produzir tanto ciência quanto arte, questões que podem ser potência para a construção de um conhecimento geográfico dado pela proximidade e intimidade, que convida para o transviar de sentidos e sentimentos.

Articulando a relação entre arte, narrativa e emoções, entendemos que a experiência narrativa possibilita construir uma relação emocional entre narrador e ouvinte, cujo conteúdo emocional de sentido e significado é o que pode estruturar a dimensão interpretativa, discursiva e representativa da narração. A potência da narração está exatamente na capacidade de reconhecimento e compreensão do eu, do outro e do nós, que é mobilizada na prática narrativa, que constrói outros saberes, rompendo com a distância entre os sujeitos, fazendo-nos aproximar das pessoas e de seus cotidianos (SILVA, 2019).

Esse entendimento sobre as narrativas reforça a intersubjetividade que compõe espacialidades emocionais da vida cotidiana, porque as narrativas podem ser fontes de conhecimento sobre os lugares que não são contados pela história oficial. O imaginário geográfico também ganha importância nessas histórias, reforçando a conexão com os lugares (SILVA, 2019). Neste sentido, as narrativas são formas de aprendizagem, inclusive do ponto de vista emocional.

As narrativas são fontes privilegiadas de acesso a histórias que podem estar encobertas porque não foram vistas com um olhar sensível e investigativo, em que ao desvelar diferentes momentos de sua vida o narrador reorganiza sua história, cria laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos que marcaram suas trajetórias, dando sentido à sua existência (SILVA, 2019, p. 148).

Ao colocar como protagonista o sujeito, suas experiências e a forma como ele dá significado a essas experiências através da narrativa, permitimos o entendimento da diversidade dos “significados humanos para dar conta do vivido, do experimentado e do representado” (SUÁREZ, 2017, p. 11). O autor sinaliza uma “virada narrativa” que assinala mudanças nas formas de delimitar, classificar e organizar, dentre outros elementos, a vida emocional dos sujeitos e os sentidos e significados que (re)constróem enquanto estão narrando.

Com isso, há alguns elementos relevantes para pensar as narrativas. O primeiro deles é a experiência, que, como unidade da vida e da qualidade do devir, é constituída pelas emoções que ocorrem na realização de um ato. A experiência permite que o conteúdo no ato, transformado pela imaginação — a narrativa — adapte o novo ao velho, o que não é apenas acumulação, mas ressignificação.

Dessa forma, ao considerarmos a narrativa como a experiência do sujeito em ato e ao estabelecermos uma ponte de adaptação desta para com uma educação geográfica formativa, pressupomos a necessidade de um treinamento que permita o desenvolvimento da dimensão sensível no ato de narrar e que possibilite a imersão do sujeito sobre suas próprias experiências cotidianas.

Há de se destacar que o termo "treinamento" não se refere a uma limitação vinculada à repetição constante, é justamente o inverso, o treinamento com base em nossas considerações visa apresentar ao sujeito/aluno uma opção de complementariedade ao que está posto em termos de ensino regular, uma inserção para o seu desenvolvimento sensível, sua formação cidadã, a ênfase, portanto, está no protagonismo e na liberdade do sujeito/aluno na compreensão da relação sobre seu próprio eu no mundo, mas também sobre o nós e os outros no mundo. O que baliza essa concepção é o fato de que o sujeito/aluno, através de sua imaginação e de suas emoções experienciadas no cotidiano, é geográfico o tempo todo. Portanto, estamos falando sobre um despertar de uma Geografia ancorada nos sentidos, uma ressignificação que amplia horizontes rumo a uma leitura de complementaridade entre a particularidade percebida e a totalidade também percebida.

Pelo caminho do sensível, compreendemos que a Geografia torna-se aberta, garantindo possibilidades para além do viés doutrinário e pragmático da verdade científica matemática positivista. Nesse viés, o intuito da nossa proposta é o de acrescentar à descrição linear um outro sentido: o do sujeito que narra sua experiência sensível. Buscamos refletir sobre o saber-fazer geográfico através de uma noção de pertencimento em relação ao mundo, portanto, para além de uma perspectiva fortemente assentada na ideia de domínio.

Essa proposta reflexiva não se atém a um "passo a passo" prático de cunho puramente pedagógico e normativo na aplicação de uma metodologia pré-definida, porque se organiza em torno de uma provocação epistemológica. A narração, como buscamos destacar, assenta-se sobre uma potência emancipatória, de existência e cidadã. Buscamos, antes de tudo, a reflexão sobre um saber-fazer sensível para a própria vida do sujeito que narra suas experiências. Assim sendo, seu plano está para além de uma finalidade voltada para o puro ato de ensinar Geografia, já que consideramos a narração como algo que permite transcender os limites absolutos e conteudistas presentes nas "verdades científicas" *per se* do ensino de Geografia atual.

A Geografia é uma forma de olhar e, como acrescenta Gomes (2017), é uma "forma de pensar". Assim, possui seu modo particular de refletir sobre o mundo e esse modo atrela-se à arte desde a sua origem enquanto ciência. A essência do olhar/pensar geográfico possui, em primeiro plano, um intuir artístico sobre

o mundo, ou seja, antes de qualquer possível padronização através de regras ou leis universais o olhar/pensar geográfico perpassa o plano do sensível, da imaginação, das emoções.

O alcance dessa educação geográfica voltada à reabertura da Geografia ao sensível, convida e provoca para um "treinamento do olhar" geográfico, termo derivado das provocações realizadas por Ratzel no que se refere a um possível resgate da dimensão sensível clássica da Geografia no início do século XX.

Entendemos que é a experiência estética que organiza a relação mais íntima do sujeito perante a variedade fenomênica do mundo e é ela que dá vazão à noção de pertencimento em relação àquele, por isso queremos mirar uma educação geográfica que se desenvolva justamente nessas interfaces. A própria narrativa gera espacialidades que se fazem presentes tanto no ato de narrar quanto nas memórias lembradas a partir das narrativas. Narração em ato é Geografia em sua expressão mais particular, pois permite o revelar do significado para o sujeito que experimenta o mundo, portanto, reveladora de nuances geográficas, muitas vezes, suprimidas pelo ensino tradicional de Geografia.

O treinamento do olhar geográfico em nossa construção tem, como base, a narrativa como ponto de "virada", porque a partir da ampliação do uso da narração e do despertar do sensível geográfico em ambiente escolar, é possível provocar a Geografia para uma verdadeira educação para a vida.

Considerações finais

Para pensar a potência epistemológica da narração, é possível considerar que a conformação do mundo também pode ser estruturada pelas narrativas, porque elas unem a imaginação e a crença, história e representação, memória e cultura, construindo a realidade para esses narradores. Por isso, ao construir a realidade de si através de narrativas, o que se escolhe narrar e como os fatos são narrados são, eles mesmos, os sentidos e significados que damos ao mundo. Do ponto de vista geográfico, é possível pensar um conhecimento com significado, condizente com uma realidade geográfica presente.

Portanto, para a nossa análise, as narrativas vão além de um recurso metodológico, mas é a possibilidade de expressão da Geografia, em seus múltiplos caminhos de reflexão, porque elas também geram espacialidades. São, assim, uma maneira de ressignificar, com um olhar sensível e atento à sua biografia, os espaços da vida, os acontecimentos e as relações intersubjetivas, as narrativas são construídas nas e pelas experiências dos narradores.

Ressignificam temporalidades e espacialidades, sendo um elo emocional dos sujeitos com suas próprias vidas. Por conseguinte, permitem estruturar essa vida com base em laços de significado, isto é, laços emocionais. As narrativas são fontes privilegiadas para um olhar sensível sobre a realidade, sobre os detalhes que animam a vida, dando vazão às experiências que nos afetam. É um caminho para o "eu" reencontrar-se no outro, na alteridade, em função desse processo comunicativo — a narrativa — e fazem da

narrativa um entrelaçamento da experiência do eu, do outro e do(s) nós, portanto, é um processo de expressão.

Referências

- ALPERS, Svetlana. A arte de descrever. São Paulo: Edusp, 1999.
- AGUIAR, F; BERNARDES, A; FRIGÉRIO, R. C. Tessituras de lugar: narrativas e pesquisa em Geografia. In: XII CONFLICT – V CONPG, 2020, Campos de Goytacazes. Anais eletrônicos...Campinas, Galoá, 2020.
- BEZERRA, J. B; MELO, F. P. Os dilemas da tríade geografia física, humana e disciplinas pedagógicas na formação do licenciado. I Colóquio Internacional de Educação Geográfica, 2018.
- BROCKMEIER, J; HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16(3), 2003, p. 525-535.
- BRASHER, Jordan P. Narrating space/spatializing narrative: where narrative theory and geography meet. *The AAG Review of Books*. 5(3), 2017. p. 180-182.
- CALLAI, Helena C. Educação geográfica para uma formação cidadã. *Revista de Geografia Norte Grande*. 70, 2018, p. 9-30.
- CARVALHO, Marcos B. O insípido está sempre incorreto. *GEOgraphia*, 2010, p. 140-156.
- CASTELLAR, S; VILHENA, J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CORREA, M. A Evolução paradigmática da ciência geográfica: fronteiras epistêmicas e caráter pedagógico. *Ensino & Pesquisa*, v.12, n. 02, 2014, p. 42-51.
- COSTELLA, R. Z; REGO, N. Educação geográfica e ensino de geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. *Signos Geográficos*, v.1, 2019.
- COSTA, Paulo C. G. Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Florianópolis, Editora UFSC, 2 ed., 2014.
- DARBY, Henry C. O problema da descrição geográfica. *Confins*, 44, 2020.
- KIMBLE, George H. T. A geografia na Idade Média. Londrina: UEL, 2000.
- GREGORY, D. et al. *The dictionary of human geography*. 4 ed. Wiley-Blackwell, 2009.
- GONZÁLES, Manuel Souto. ¿Qué escuelas de Geografía para educar en ciudadanía? In: *Revista Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*, n. 24. Valência: Editora da Universidade de Valência, 2010.
- KATUTA, A. A geografia, a cartografia, a descrição e a alienação. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 11(2), 2013, p. 98-110.
- LUBRICH, O et al. Alexander von Humboldt: Revolucionando a literatura de viagem. *Floema*, Ano VI, n. 6, 2010, p. 31-71.
- MARTINS, R. E. M. W; TONINI, I. M. A importância do estágio curricular supervisionado em geografia na construção do saber/fazer docente. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n.3, 2016.

- MENEZES, V. S; KAERCHER, N. A. Geografia e educação: uma discussão epistemológica. *GEOSUL*, 32(65), 8, 2017, p. 144-158.
- MOREIRA, Ruy. O círculo e a espiral: para a crítica da geografia que se ensina – 1. Niterói: Edições AGB Niterói, 2004.
- MOREIRA, Ruy. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 2^aed, 2010.
- MÜLLER, G. H. Jouissance de la nature. Le besoin artistique et le devoir scientifique de la description de la nature: conclusions de Friedrich Ratzel. *Philosophie Scientia*, n. S2, pg. 129-146. Disponível em <https://bityli.com/9447kk>. Acessado em: 20 set. 2021.
- OLIVEIRA, R. D; SEEMANN, J. A geografia mora nos detalhes e no todo. *GEOgraphia*, 23(51), 2021, p. 1-12.
- OLIVEIRA, G.E.P.L; PEZZATO, J. P. A potencialidade da pesquisa narrativa para as investigações sobre o ensino de geografia. *Anais do IV SIPEQ*, Rio Claro, 2010.
- OZOUF-MARIGNIER, M. V.; ROBIC, M. C. A França no limiar de novos tempos: Paul Vidal de La Blache e a regionalização. *GEOgraphia*, ANO IX, n. 18, 2007.
- PARKER, Joshua. What we talk about when we talk about space and narrative (and why we're not done talking about it). *Frontiers of Narrative Studies*, 4(2), 2018, p. 178-196.
- RATZEL, Friedrich. Sobre a narração da natureza. *GEOgraphia*, 23(51), 2021. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a51686>.
- RATZEL, Friedrich. Sobre a interpretação da natureza. *GEOgraphia*, v.12, n.23, 2010, p. 157-176.
- RAMOS, E. C. M. A dimensão estética do ensino de geografia: uma contribuição à renovação da geografia escolar. *Geografia, Ensino & Pesquisa*. v. 23, 2019, p. 1-28.
- REGO, N. et al. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- REGO, N; KOZEL, S. Narrativas, geografias e cartografias: para viver é preciso espaço e tempo. Porto Alegre: Editora Compasso Lugar-Cultura/Editora IGEO, 2020.
- RICOUER, P. The narrative function. In: RICOUER, P. *Hermeneutics and the Human Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 274-296.
- RODRIGUEZ, D. Description in space. Geography and narrative form. *Frontiers of Narrative Studies*. 4(2), 2018, p. 327–341.
- ROQUÉ, Bianca. B. Geografia sensível e suas origens na estética. *Geograficidade*. V. 10, n. especial, 2020, p. 183-202.
- SILVA, Marcia Alves Soares da. O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- SEEMANN, Jorn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. *RA'EGA*. v. 30, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. Language and the making of place: a narrative-descriptive approach. *Annals of the Association of American Geographers*, 8(14),1991, p. 684-696.

VALLE, Laura B. A cartografia narrativa como possibilidade na educação geográfica: uma reflexão inicial. *Giramundo*. v. 4, n. 8, 2017.

VITTE, A.C; RIBAS, A.D. O curso de geografia física de Immanuel Kant (1724-1804): uma contribuição para a história e a epistemologia da ciência geográfica. *GEOgraphia*, v.10 (19), 2008.